

ZÉZÉ DA GALILÉIA: ANÔNIMO E PROTAGONISTA DAS LIGAS CAMPONESAS.

Raphael Henrique Roma Correia

Graduando Universidade de Pernambuco – UPE

raphalromaczr@gmail.com

“O sistema só tolera, Dois tipos de componentes:

Os tiranos que exploram, E os subservientes.

Os que lutam por justiça, Serão sempre dissidentes.” (Fábio Mozart)

Não é de se espantar que a região agrária brasileira permaneça, em pleno século XXI, como o lugar de maiores desigualdades sociais desde a colonização exploradora da Coroa Portuguesa do século XVI.

A Zona da Mata pernambucana, em especial, representa um modelo para este cenário. Pois, apresenta-se como um ambiente composto de peculiaridades generalizantes, marcado pela monopolização, em todos os âmbitos da vida em sociedade, de uma classe aristocrata criada a partir de relações de poder em cerca de quatro séculos.

Entende-se que a Zona da Mata de Pernambuco foi palco de muitos conflitos agrários e que a modernização da agricultura, na segunda metade do século XX, foi um fator potencial para estas tensões. Considerando a consolidação das usinas, que transformou muitos engenhos em meros fornecedores de cana-de-açúcar (engenhos de “fogo morto”¹), que contribuíram para o redimensionamento das relações de trabalho deste ambiente. Contudo, há de se considerar que estas transformações não foram homogêneas, que elas não modificaram completamente as relações econômico-sociais deste ambiente, que nos termos de Peter Eisenberg transfigura-se numa “modernização sem mudança”², isto é, as tentativas de industrializar o mundo rural brasileiro frustraram-se por conta dos setores conservadores da elite latifundiária que não queria abrir mão de muitos de seus privilégios.

Este texto pretende explicitar uma pesquisa desenvolvida no, e sobre, o Estado de Pernambuco de meados do século XX. O enfoque deste trabalho concentra-se no movimento de contestação social do meio rural conhecido como *Ligas Camponesas*. O

intuito da pesquisa é o de elaborar histórias de vidas de alguns militantes das Ligas Camponesas do Engenho Galiléia, localizado no município de Vitória de Santo Antão/PE. Trata-se de identificar e ilustrar as precárias condições de vida dos camponeses Pernambucanos da época (1945-1964); e ainda promover uma abordagem mais integrada aos setores sociais ‘invisíveis’ das *Ligas Camponesas*.

No momento o projeto está oficializado pelo Programa de Fortalecimento Acadêmico da Universidade de Pernambuco – PFA/UPE para o desenvolvimento de uma dessas biografias históricas dos moradores do Engenho Galiléia. O trabalho centra-se na trajetória de vida do senhor José Francisco de Souza, mais conhecido como Zezé da Galiléia, enquanto ex-administrador do Engenho e depois como um dos líderes das *Ligas*. À medida que Zezé da Galiléia, além de servir como ilustração do cotidiano sofrido dos moradores de engenho, fator principal para a efetivação do movimento de contestação das Ligas Camponesas, de forma ainda pouco explicada passou de “repressor” dos camponeses do latifundiário para um dos principais representantes do movimento contra o proprietário deste engenho.

A busca dos vestígios da vida destes “protagonistas anônimos”³ das organizações de contestação social destes espaços vem servir como instrumento de ilustração não só do engenho em que habitam, mas também de todo um ambiente de condições de vida extremamente precário.

Durante a década de 40 do século XX, o mundo atravessava longas transformações. A saber, enquanto na Europa cessava o período das grandes guerras, no Brasil há um período de “redemocratização” com o fim do Estado Novo de Vargas. Nesta conjuntura, ocorrem amplas mudanças nas estruturas sociais, estas mudanças atingem as relações de trabalho da região açucareira nordestina.

Os “moradores de engenho”, mão-de-obra que substituiu o trabalho barato do escravo, deixam de representar vantagens aos latifundiários atingidos pela implantação das usinas, na medida em que esta torna uma grande parte coronéis do açúcar em apenas fornecedores de cana-de-açúcar. A degradação dos laços paternalistas fez aparecer as contradições do sistema de trabalho no campo.

Neste ambiente em crise, surgem, de início, sociedades assistencialistas que depois adquirem um caráter contestador. Como exemplo, e modelo, no engenho Galiléia os moradores, inclusive Zezé, criam a SAAPP para tentar amenizar problemas

habitacionais. Mas, com a ameaça de expulsão e a ajuda de legalização de Francisco Julião, logo se transforma em reivindicações e contestações que resultará na desapropriação favor dos camponeses. O caráter sintético que aqui se registra o início da onda propulsora das lutas no Galiléia é reconhecido pela historiografia como o berço e o modelo para propagação nacional das *Ligas*.⁴ O que, em certo sentido, valoriza nosso estudo na medida em que nossos biografados inserem-se neste local impulsionador deste Movimento Social.

Praticando uma revisão literária, percebe-se uma produção que analisa bem os problemas e mudanças estruturais (político-econômico) deste contexto histórico, no entanto estes estudos não dão tanta ênfase aos militantes, a grande massa ‘anônima’, das *Ligas Camponesas*. Por isto, este trabalho, focaliza a falta de destaque que a historiografia, e a produção acadêmica geral, fornecem à força motriz desta luta. Pois, Levando em consideração os aportes metodológicos dos estudos de caso, que trabalham com abordagens relacionadas à História Oral, História Regional, Micro-história, Nova História cultural, acredita-se que os micro-contextos explicitam acontecimentos escondidos e fazem surgir novos problemas que não transparecem nas macro-análises.⁵

Para se produzir uma biografia histórica do personagem em foco, é preciso realizar uma boa revisão da produção acadêmica em torno dos temas relevantes sobre o seu contexto histórico-social. Assim, procura-se garantir uma investigação que possibilite destacar esta biografia como produção historiográfica.

Vista com certo preconceito, esta forma de trabalho historiográfico oferece grande potencial atualmente. Em nosso trabalho não utilizaremos o chamado modelo tradicional de biografia, referencia feita às biografias elaboradas no século XIX laudatória dos “grandes homens”. Pretendemos, ao contrário, seguir um modelo proposto pela *Microstorie* italiana, representada por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi.⁶ Pois, acreditamos ser impossível esgotar os acontecimentos de uma vida, como explicitou Pierre Bourdieu⁷ e desta forma trabalharemos muito mais com trajetórias de vidas do que com vidas completas.

Para a materialização da pesquisa, entre outras práticas, analisa-se o acervo de fontes orais da Fundação Joaquim Nabuco disponíveis no CEHIBRA - Centro de Documentação de Estudos da História Brasileira;⁸ acreditando-se que estas fontes possuem grande fecundidade num estudo sobre pessoas ‘desconhecidas’. Já que, como

afirma Antonio Montenegro, a história oral é “um meio privilegiado para o resgate da vida cotidiana”.⁹ Ou mesmo na perspectiva de Thompson de que “a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo.”¹⁰

Além destes modelos acima, utiliza-se métodos e abordagens historiográficos executados a partir de uma renovação de paradigmas dos fins do século XX. As *Ligas Camponesas*, atualmente, gozam de destaque nas produções acadêmicas das ciências sociais. No entanto, há de se considerar que estes estudos são, grande parte, macro-estruturais. Não que estes estudos sejam inconvenientes, mas nestes enfoques perdem-se contextos relevantes de uma análise *micro-histórica*. Neste sentido, a revisão da literatura acadêmica sobre o Pernambuco, o Brasil e o Mundo da segunda metade do século XX estará sempre buscando vestígios destes indivíduos desprovidos de análises qualitativas pelas ciências sociais.

José Francisco de Souza e sua trajetória de vida como líder do movimento até o golpe militar de abril de 1964, quando se torna preso político e é torturado, vem servir de exemplo múltiplo de pessoas atuantes em seu mundo cotidiano que, com ações locais, produziram transformações nacionais, estas, por sua vez, em plena Guerra Fria, mobilizavam setores oligárquicos que temiam uma revolução socialista.¹¹

Anseia-se, nesta perspectiva, que a produção teórico-metodológica da historiografia de fins do século XX possibilite a renovação dos estudos sobre as *Ligas Camponesas* e que as histórias de vida de desconhecidos amplie as bases de (re)construção de uma história representativa para todos os setores da sociedade.

¹ Expressão eternizada por José Lins do Rego em: REGO, José Lins do. *Fogo morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

² EISENBERG, Peter. *Modernização sem mudança: a indústria açucareira em Pernambuco 1840-1910*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

³ VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história* Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002.

⁴ Ver mais: AZEVEDO, Fernando. *As Ligas Camponesas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982; CALLADO, Antônio. *Os industriais da seca e os galileus de Pernambuco, aspectos da luta pela reforma agrária no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1960.

⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo [orgs.] *Dominios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro. Campus, 1997.

⁶ VAINFAS, Ronaldo. Op. cit.

⁷ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: Ferreira, Marieta M.; AMADO, Janaina. *Usos e Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

⁸ “A História Oral do Movimento Político-Militar de 1964 no Nordeste”. Recife: FUNDAJ. CEHIBRA.

⁹ MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2001. p 16.

¹⁰ THOMPSON, 1992:44. *Apud*: RAPCHAN, Eliane Sebeika. O uso da narrativa nas ciências sócias: algumas notas e reflexões acerca de suas possibilidades. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas. 2001. in: MONTENEGRO, Antonio Torres. Op. cit. p. 50.

¹¹ PAGE, Joseph A. *A Revolução que nunca houve*. Rio de Janeiro: Record, 1972.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- “A História Oral do Movimento Político-Militar de 1964 no Nordeste”. Recife: FUNDAJ. CEHIBRA.
- AZEVEDO, Fernando. *As Ligas Camponesas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: Ferreira, Marieta M.; Amado, Janaina. *Usos e Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- CALLADO, Antônio. *Os industriais da seca e os galileus de Pernambuco, aspectos da luta pela reforma agrária no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1960.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo [orgs.] *Dominios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro. Campus, 1997.
- EISENBERG, Peter. *Modernização sem mudança: a indústria açucareira em Pernambuco 1840-1910*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2001. p 16.
- PAGE, Joseph A. *A Revolução que nunca houve*. Rio de Janeiro: Record, 1972.
- REGO, José Lins do. *Fogo morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.
- VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história* Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002.